

# **SOBRE A VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PESQUISA EM ANAIS DE EVENTOS**

José Pedro Boufleuer (UNIJUÍ)

## **I. Contextualização**

Em reunião da coordenação nacional do FORPRED e coordenadores regionais com a Coordenação da Área de Educação na CAPES, realizada no dia 01 de fevereiro de 2011, na PUC-SP, foi apresentada proposta de reconsideração da pontuação dos eventos na avaliação da CAPES. Como se trata de proposta para discussão, o Fórum Sul de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação, reunido em Curitiba no dia 25 de março de 2011, discutiu o assunto e entendeu por bem apresentar ponderações e subsídios para o debate acerca dessa proposta. O presente texto pretende oferecer uma contribuição ao debate.

Nos termos da proposta encaminhada pela Coordenação da Área da Educação na CAPES consta que:

- “a contagem dos trabalhos completos em anais mostrou-se muito problemática”...
- “a ampla maioria das áreas da CAPES não contabiliza a produção de trabalhos completos em anais como produto bibliográfico”.
- “No último triênio (...) ficamos com 38.000 linhas de registro, [resultando, após limpeza, uma lista de] 500 eventos que foi qualificada”.
- “Os resultados indicaram que todo esse trabalho impactou muito pouco na nota dos programas”.

Frente a esses motivos, a coordenação da área propõe:

- 1. os eventos deixem de ser considerados para a produção bibliográfica docente;*
- 2. os eventos continuem a ser considerados para a avaliação da produção docente, para o que não tem sido considerada a sua qualificação (exceto para programas 6 e 7);*
- 3. a ficha seja revista de modo a que o valor mínimo de produtos exigidos por docente (6 doutorado e 3 mestrado) deixe de existir, mantendo-se apenas a exigência de produtos em periódicos e livros;*
- 4. a participação dos docentes em eventos ganhe relevo no item corpo docente com a ampliação do peso relativo de quesito atualmente descrito como aprimoramento do corpo docente;*
- 5. a organização de eventos de importância seja considerada como indicador importante de inserção científica do programa, sendo valorizado no quesito 5.*

## **II. Considerações**

Possivelmente todos concordam que a pontuação dos trabalhos completos em anais de eventos na avaliação dos programas implica um trabalho insano por parte dos membros da Comissão de Avaliação da Área. Entre a alegação das dificuldades relativas a esse

trabalho e a proposição de uma quase exclusão dessa produção no processo de avaliação, no entanto, há um debate a ser feito, como entendem os próprios propositores. Afinal, o que significaria para nós educadores e pesquisadores da área da educação a rejeição da produção científica em eventos a esse patamar reduzido de valorização no processo de produção do conhecimento e na avaliação da sua pós-graduação?

Ao que se indica há um entendimento de que os eventos são importantes, mas que em função da dificuldade de sua avaliação e de seu pouco impacto na nota (o que obviamente depende de como organizamos os parâmetros da avaliação), eles deixariam de ser efetivamente contabilizados no caso da produção dos professores. Dizer que são importantes, mas que não contam, traz implícita a sugestão de que, no limite, são dispensáveis. Uma atividade importante e a ser considerada, como se indica, *ainda* para os alunos, talvez por se acreditar estarem em fase de formação, mas *já não mais* para os que estão constituídos docentes, em fase mais madura de produção do conhecimento...

Entendemos que a questão deve ser posta num âmbito que vai além do pragmático ou do impactante dentro do modelo e parâmetros de avaliação estabelecidos. É preciso perguntar: por que Universidade? Por que pesquisa? Por que pós-graduação? E, acima de tudo, por que ciência ou conhecimento?

Por mais óbvio que seja não custa lembrar que a ciência, a pesquisa e a pós-graduação não possuem finalidade em si que justificasse uma dinâmica autorrecorrente ou autopreservativa. Sua condição e, também, razão de ser é “chocar-se” com o real, com as situações e questões do mundo concreto. Por isso os cientistas, pesquisadores e professores necessitam encontrar-se com pessoas e realidades para as quais acreditam estar trabalhando. E isso implica deparar-se com públicos os mais diversos, com as opiniões mais divergentes, com as críticas mais ferrenhas. Os que trabalham com ciência necessitam, efetivamente, testar com seus públicos-alvo a adequação dos conceitos e leituras que produzem, bem como a pertinência das concepções e proposições que fazem. Necessitam contar com o impacto do mundo real, do mundo das pessoas e das percepções que essas possuem sobre os objetos ou temas tratados em suas pesquisas. E esses espaços de interação e de interlocução, que certamente não se resumem a páginas escritas em papel ou na tela do computador, poderiam ser garantidos sem os eventos científicos, ou menosprezando sua importância no contexto da avaliação da pós-graduação?

Pensemos, também, essas questões em perspectiva epistemológica.

A validação do conhecimento de acordo com as teorias científicas mais reconhecidas atualmente necessita de espaços de comunicação e de argumentação intersubjetiva. Isso implica para o conhecimento, de acordo com o epistemólogo Karl Popper, por exemplo, estar sempre à mercê de possível falseabilidade. Um saber, sob esse entendimento, adquire o status de cientificidade quando avaliado pela comunidade científica, o que só é possível através da interlocução e do reconhecimento das razões apresentadas em favor de sua validade. A ciência que não se submete a contextos de argumentação e de possível refutação cerra fileiras com o dogmatismo, ou seja, nega-se a si mesma, ao mesmo tempo em que se afasta do mundo real.

A submissão a contextos de interação e de crítica permite à ciência manter o seu vínculo com o real que busca explicar ou no qual pretende intervir. Nessa perspectiva

emerge como aspecto fundamental do fazer científico já não os resultados alcançados, mas a pedagógica dinâmica interna que o constitui. Disso resulta que a própria validação do conhecimento científico se dá mais em função da racionalidade (argumentativa) do processo que o constitui do que em função da racionalidade dos fins buscados. Na pressa dos tempos atuais, na tentativa de economia de tempo e de custos, a tentação dos pesquisadores, com o sempre pronto apoio de quem fomenta a pesquisa, é focar os fins buscados em detrimento da processualidade de sua produção. É essa “produtividade” da pesquisa que, mesmo de forma talvez não consciente, se põe em foco com a relativização dos espaços de diálogo crítico e argumentativo, garantidos até hoje através dos eventos científicos da área.

Para além das exigências que se requerem para a cientificidade do conhecimento coloca-se, também, a questão da legitimação social do conhecimento produzido. Trata-se de uma necessária “prestação de contas” que a pós-graduação necessita fazer junto à sociedade que, através de políticas públicas fomenta a pesquisa e apóia a sua necessária estrutura. Isso leva ao diferencial que se estabelece entre o conhecimento produzido na Universidade daquele produzido em outras instâncias, como nas empresas, por exemplo. Pode-se dizer, nesse sentido, que a produção do conhecimento na Universidade se coloca na perspectiva da universalidade do saber. Trata-se de saberes que se acumulam, que se complementam, que se contrapõem e dialogam entre si. O saber produzido na Universidade é também, por definição, um saber colocado a público, um saber partilhado. Na Universidade não se justifica esconder o saber, guardá-lo num círculo egoisticamente fechado, ou em formatos de acesso restrito. Isto significaria um desrespeito à sociedade que, via órgãos oficiais de fomento, financia grande parte das pesquisas. Por fim, pode-se dizer que o saber produzido na Universidade deve vir acompanhado de uma perspectiva pedagógica, já que é um saber a ser comunicado, a ser partilhado, seja em contextos de ensino ou de extensão, ou em situações como as oportunizadas em eventos científicos para públicos diversos.

A perspectiva pedagógica de um saber consiste na capacidade de explicitar o processo de sua construção, as razões que o tornam pretensamente válido, a sua significação social. Por isso, a rigor, não se separam os processos de constituição e de comunicação ou aprendizagem das ciências. Enquanto o processo de validação da ciência requer a certificação social no âmbito das comunidades científicas, a aprendizagem se baseia na compreensão das razões que foram apresentadas na produção da sua validação. Os processos de aprendizagem ou de apropriação do conhecimento, por sua vez, retroalimentam a própria pesquisa que é comunicada.

Com base nesse entendimento pode-se dizer que o momento da socialização de um conhecimento junto ao possível público-alvo de sua produção, como geralmente ocorre em eventos científicos, integra o próprio processo de construção e de reconstrução da ciência. Em outros termos, trata-se de pensar o esforço de comunicação (pedagógica) da ciência na perspectiva de que toda comunidade de ouvintes e falantes possui uma dignidade epistemológica ou autoridade epistêmica, podendo influenciar o sentido da construção ou da reconstrução do saber, já que a comunicação de um saber implica a potencial necessidade de refazê-lo.

É bom lembrar que as questões cruciais do tempo presente se colocam não na perspectiva desta ou daquela ciência, deste ou daquele campo empírico ou observacional,

deste ou daquele grupo temático, desta ou daquela linha de pesquisa. Elas se apresentam como “tomadas de consciência coletiva”, produzidas em espaços interdisciplinares, como ocorre, por exemplo, com as questões do meio ambiente, da sustentabilidade da vida, da paz entre os povos, da dignidade humana, da democratização das instituições políticas, do caráter das políticas de Estado, etc. Todos esses temas emergem de espaços de interlocução intersubjetiva, de espaços em que sujeitos defrontam suas perspectivas particulares com as perspectivas dos demais. Por isso a ciência atual, e especialmente a ciência fomentada pelo Estado, não pode prescindir ou considerar pouco importantes os espaços de socialização e de debate público ampliado das suas proposições.

O entendimento desses aspectos, tanto de ordem epistemológica como de legitimidade social, nos levam a reclamar a apresentação e discussão de resultados de pesquisa em eventos científicos como aspecto fundamental e imprescindível de uma boa avaliação da pós-graduação, considerando o evento como uma estrutura essencial e constitutiva da pesquisa científica. Pelo menos na área que é a EDUCAÇÃO não deveríamos poupar esforços em resguardar essa dimensão da produção do conhecimento.